

METODOLOGIA NA PERSPECTIVA FREIRIANA: UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA PARA UMA AÇÃO LIBERTÁRIA NO BOJO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

PAULO FREIRE'S METHOD: AN EMANCIPATORY EDUCATION FOR A LIBERATORY ACTION IN THE CORE OF THE SOCIAL MOVEMENTS

EL MÉTODO DE PAULO FREIRE: UNA EDUCACIÓN EMANCIPATIVA PARA LA ACCIÓN LIBERTARIA EN EL BOJO DOS MOVIMIENTOS SOCIALES

JOCÉLIA BARBOSA NOGUEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
MANAUS, AMAZONAS, BRASIL
JOCELIA.BNOGUEIRA@HOTMAIL.COM
HTTP://ORCID.ORG/0000-0001-8230-4857

EDILSON DA COSTA ALBARADO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
BELÉM, PARÁ, BRASIL
EDILSONALBARADO@GMAIL.COM
HTTP://ORCID.ORG/0000-0003-1417-8419

MARIA ELIANE DE OLIVEIRA VASCONCELOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
MANAUS, AMAZONAS, BRASIL
MEOV06@YAHOO.COM.BR
HTTP://ORCID.ORG/0000-0003-4249-7142

RESUMO: As reflexões sobre a teoria freireana problematizam os sentidos de uma sociedade que necessitou expandir a socialização e a aprendizagem das crianças e dos adultos em função de uma base de produção industrial e tecnológica, e não em função das demandas de libertação e humanização da sociedade. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é refletir sobre o método de Paulo Freire e seu legado no campo da educação, que trouxe a esperança e libertação no chão das escolas e dos movimentos sociais populares. Falar em Paulo Freire é instigar a história e perguntar: qual foi o motivo da educação brasileira não ter desenvolvido uma educação progressista? Esse educador semeou um novo sentido para educação e criou bases conceituais para pensarmos a autonomia, o diálogo, a emancipação como chave para os processos educativos. Os estudos envolveram pesquisas bibliográficas em livros de autoria de Freire (1981, 1982, 1987, 1996, 1997) e Brandão (2006) e em artigos disponíveis na internet, os quais apontam que a teoria de Paulo Freire tem sido marcada por uma pedagogia da resistência e por uma educação libertadora e da emancipação, a favor das experiências de diálogos com diferentes movimentos sociais, bem como nas aulas de alfabetização de adultos, que revelam a importância do processo de escuta das necessidades do povo por meio de suas formas de organização e mobilização social e popular.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria freireana. Transformação social. Pedagogia libertadora. Educação popular.

ABSTRACT: The reflections about the Freirean theory problematize the meanings of a society that needed to expand the socialization and the children and adults learning regarding an industrial and technological production basis, and not regarding the society liberty and humanization demands. In this context, the objective of this study is to reflect about Paulo Freire's method and its legacy in the field of education, which brought hope and liberty on the school floor and the popular social movements. Talking about Paulo Freire is to instigate History and ask: what was the reason that the Brazilian education did not develop to a progressive one? That educator sowed a new sense for education and created conceptual basis for us to think of autonomy, dialog, emancipation as key for the educational processes. The studies involved bibliographic researches in books authored by Freire (1981, 1982, 1987, 1996, 1997) and Brandão (2006) and in articles available on the internet, which indicate that Paulo Freire's theory has been marked by a pedagogy of resistance and by a liberating and emancipating education, in favor of the experiences of dialogos with different social movements, as well as in the literacy classes of adults, that reveal the importance of the process of listening to the people's needs by means of their forms of organization and social and popular mobilization.

KEYWORDS: Freirean Theory. Social transformation. Liberatory pedagogy. Popular Education.

RESUMEN: Reflexiones sobre la teoría de Freire problematizan los significados de una sociedad que necesitaba expandir la socialización y el aprendizaje de niños y adultos a partir de una base de producción industrial y tecnológica, y no por las demandas de liberación y humanización de la sociedad. En este contexto, el objetivo de este estudio es reflexionar sobre el método de Paulo Freire y su legado en el campo de la educación, que trajo esperanza y liberación a las escuelas y movimientos sociales populares. Hablar de Paulo Freire es instigar la Historia y preguntarse: ¿cuál fue la razón por la que la educación brasileña no desarrolló una educación progresista? Este educador sembró un nuevo significado para la educación y creó bases conceptuales para que pensáramos en la autonomía, el diálogo, la emancipación como clave de los procesos educativos. Los estudios han implicado la investigación bibliográfica en libros de Freire (1981, 1982, 1987, 1996, 1997) y Brandão (2006) y en artículos disponibles en Internet, que señalan que la teoría de Paulo Freire ha sido marcada por una pedagogía de resistencia y por una educación de liberación y emancipación, a favor de las experiencias de diálogos con diferentes movimientos sociales, así como en las clases de alfabetización de adultos, que revelan la importancia de escuchar las necesidades de las personas a través de sus formas de organización y movilización social y popular.

PALABRAS CLAVE: Teoría freireana. Transformación social. Pedagogía liberadora. Educación popular.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado com objetivo de discutir acerca da metodologia na perspectiva freiriana, desenvolvida nas práticas educativas de Freire e de seus colaboradores, como também, analisar em sua obra a presença de uma pedagogia libertadora, de caráter emancipatório. A partir de uma educação que concebeu como formação humanizadora do educando, categoria construída por Paulo Freire. Esse, passa a ser o centro dessa ação educativa e dialógica.

Evidencia-se tal metodologia como um caminho para o processo de formação de uma consciência crítica do sujeito, o qual vai se construindo como protagonista das suas ações na sociedade, buscando transformá-la para bem melhor viver em comunhão com o outro e com o espaço de ocupação em que vive. Em outras palavras, buscar mecanismos para a transformação das condições de uma vida opressora para uma vida digna com melhores condições para atuar no mundo.

Estudar o pensamento freireano é crucial na sociedade capitalista sendo esta eivada de desigualdades e contradições sociais. Paulo Freire assume em suas obras uma pedagogia centrada na pessoa humana capaz de intervir no mundo na medida em que este se instrumentaliza de um manancial de conhecimentos críticos sobre esse mesmo mundo e amplia as possibilidades para poder apreender a realidade.

Para Freire, o conhecimento é resultante do processo de diálogo das experiências vividas, traduzidas como sua realidade social, cultural, política e afetiva com as situações de aprendizagem mediadas pelo educador, que incentiva o debate no espaço de sala de aula, chamado como “círculo de cultura”, na década de 50, em Angicos (FREIRE, 2001b) e este tem a função de conscientização, pois que somente é livre quem tem consciência de sua opressão e luta para libertar-se. Em outras palavras, quem conhece a realidade pode intervir nela de forma transformadora, traduzindo-se esta ação como cultura (FREIRE, 2001b).

Assim, a realidade reveste-se de muitas matizes e, para tal, o homem precisa problematizá-la e inquietar-se com tudo que lhe causa estranheza. Por isso, estudar a metodologia na perspectiva freiriana nos leva a perceber a sua importância em nossos dias, por nos oferecer subsídios capazes de conduzir o educando a um processo reflexivo, tornando-se em condições

filosóficas e sociológicas de desmistificar os diversos modos de perceber os variados processos históricos que reveste a realidade social.

A educação, para Paulo Freire, é uma prática social que conduz a pessoa humana ao ato de libertar-se e a libertar o outro da educação opressora, capaz de resultar em processos de conscientização, que seguem durante toda a vida. Porque sempre surgirão outras situações/realidades que necessitarão de ser interpretadas, analisadas com o crivo da crítica. Percebemos o dinamismo social e isso provoca no ser humano uma postura ativa, atuante na sociedade a que está inserido.

Paulo Freire defende a educação libertadora como práxis humana, cujo fundamento está demarcado por uma educação popular. Ele deixa o legado de que o papel e o sentido histórico da educação popular é caracterizada como resistência e oposição ao *status quo*, e desvela a ideia de que tudo “está como está” por, naturalmente, ser assim e, aponta as determinações econômicas e os condicionantes sócio-históricos que dão causa à realidade vigente.

O trabalho desse educador de renome esteve sempre presente discussão de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2001b). Isso o fez produzir uma crítica quanto à educação bancária e a reprodução de uma forma de comunicação de mão única. Significa que a educação para Paulo Freire é um processo de criação em que o sujeito é o centro desta ação, significa pensar a educação como um ato de reconhecimento que nos leva à conscientização. Portanto, não é uma simples transmissão de informações em que o educando é sempre um expectador passivo na sala de aula.

A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE: SUBSÍDIOS PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A pedagogia de Freire (1981) contribui para romper com a ideia de que o conhecimento do mundo é fixo, ao contrário disso, esse conhecimento pode mudar em face das influências recebidas e dos condicionantes sociopolíticos, os quais podem mudar olhares, percepções e compreensões da natureza, da vida e dos outros, e da realidade social que em si não é rígida. A flexibilidade permite sermos criadores na configuração que damos aos diferentes mundos, ao modo como os enxergamos e aos diferentes pontos de vista que a ele atribuímos (NOGUEIRA, 2020).

Essa forma de pensar e agir contribuiu com a elaboração de uma importante experiência de educação, classificada por alguns pensadores como de Tendência Progressista de Educação, pensada para promover a transformação social. Assim, identificamos:

Ao nosso ver, as tendências pedagógicas progressistas se constituem nas teorias que terão como objetivo central tentar conceber criticamente a educação e a escola na sociedade capitalista, buscando ainda de que forma essa educação e escola podem ajudar no processo de superação das desigualdades sociais, contribuindo ainda para a construção de uma nova sociedade (MEKSENAS, 2005, p. 86).

A Pedagogia Libertadora, também é conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, que vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido, cujo saber mais importante é a consciência da realidade em que vive aliada à busca pela transformação social (NOGUEIRA, 2020). Freire (1987) desenvolve uma análise crítica da realidade social, sustentada, implicitamente, nas finalidades sociopolíticas da educação.

A condição de se libertar ocorre por meio da elaboração de uma consciência crítica ligada passo a passo com a organização de classe. Por isso, a proposta é que se desenvolva a partir da sala de aula, discussão de temas sociais e políticos; o professor coordena atividades e atua juntamente com os alunos. Assim, Paulo Freire (1996), nos seduz a compreender o papel primordial que a educação pode exercer em uma sociedade: a de promover a esperança de que temos uma responsabilidade em buscar mudanças e nos conscientizar de que:

Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. [...] O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lhe deram podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isto reforça neles ou nelas a importância de sua tarefa político-pedagógica (FREIRE, 1996, p. 112).

Paulo Freire (1994) enfatiza ser a sala de aula um círculo de cultura, pois à medida que o sujeito vivencia espaços onde o ensino é uma troca entre educador e educando, envolvidos num processo dialógico, estes interagem com o conhecimento que passa a ser, dialogicamente, ensinado e aprendido e, aprendido e ensinado. „A educação, nesse caso, é uma leitura de mundo e as salas de aula:

[...] espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia o lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimentos feita pelo educador ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo (FREIRE, 1994, p. 155).

Nesse sentido, os constitutivos de uma educação, para Freire (1994), estão, intrinsecamente, relacionados a uma educação que emana dos problemas vividos na comunidade, onde todos são chamados a discuti-la e problematizá-la, a partir das vivências. A vida comunitária é o espaço de troca de experiências, de partilha, de ajuda mútua, de ensinamentos tradicionais, que colaboram com a organização, articulação e com o processo de conscientização dos moradores daquela comunidade.

Em se tratando de uma educação popular, tem como fundamentos a condição humana de sujeito em criação – a liberdade; a superação da inexperiência democrática; o respeito e valorização à pluralidade - transcendência; a democratização; a criticidade; a consequência e temporalidade das relações de homens e mulheres com outros e outras e com o mundo; o diálogo; o ato de cultura humana, datado e situado historicamente; a transformação; a atitude radical de curiosidade epistemológica, de compromisso com o coletivo, de solidariedade; de Ética Universal do ser humano; de ato político de enfrentamento à discriminação, à desigualdade de direitos, à injustiça. Nesse caso, enfatizamos a radicalidade de pensamento de Paulo Freire:

[...] a conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação (FREIRE, 1981 p. 117).

A educação popular, de acordo com Brandão (2006), surge nesse contexto como instrumento contra as injustiças, contra os mecanismos milagrosos de mobilidade social planejadas na condição de exploração das minorias sobre a maioria. Essa prática educativa não contempla aos objetivos dos projetos de sociedades fechadas, pois ela é resultado da luta revolucionária e persistente de homens e mulheres convictos de seu papel de educadores.

Assim, salientamos a importância da educação popular como modo de resistência e, ao mesmo tempo, como alternativa para um contexto de uma educação nova e inclusiva, pois que, não é para alguns, mas, é uma educação forjada no meio do povo, que luta, organiza-se,

transformando a própria vida ao fazer história. Uma educação como prática da libertação contra qualquer forma de discriminação, de opressão, por isso mesmo uma educação radicalmente democrática.

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL DE LIBERDADE: SUBSÍDIOS PARA EDUCAÇÃO POPULAR

No nosso entendimento o pensamento de Paulo Freire e seus argumentos sobre a educação popular nos leva a pensar em uma práxis educativa aliada à prática de luta e a necessidade do desenho de um projeto societário onde a democracia, a liberdade, o respeito e a inclusão da pessoa humana estão sendo os aspectos fundantes da formação do povo para o enfrentamento da realidade. Vale ressaltar que o conceito de educação popular é muito reflexivo e Paulo Freire (1987), se coloca como porta voz dos oprimidos. Portanto, precisamos compreender como se processa a pedagogia de Paulo Freire sobre o oprimido e o opressor. Assim, temos:

Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação (FREIRE, 1987, p. 32).

A educação popular é, hoje, uma forma de exercer a práxis regida para a inclusão e a diferença, sendo preciso que a lógica dessa inclusão possa atender de modo incisivo a condição de fortalecer o poder popular, as culturas e a construção do saber da classe trabalhadora. Ela ultrapassa os limites da sala de aula para ser uma atuação viva dos sujeitos na escola da vida, onde o lugar demarcado para o debate e a troca das experiências esteja presente nas vozes dos oprimidos que por ganharem espaço para reivindicarem seus direitos, ampliam a participação de modo permanente e coletiva na comunidade.

Uma educação para a emancipação humana, sendo mais que uma variante ou um desdobramento da educação de adultos, da educação que ocorre de modo informal ou da que ocorre permanentemente. A educação popular nasce no seio do povo como um movimento do trabalho organizado, consciente e político dirigido às classes populares sob a dinâmica de uma prática educativa, eminentemente, emancipatória.

A sala de aula como círculo de cultura amplia-se na educação popular, em que se efetiva a máxima de Paulo Freire, estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las. Portanto, o espaço de estudo, um espaço de diálogo, uma atitude comprometida com a humanização da pessoa, em que a sala de aula se reveste de espaço de formação dos educandos e educadores em todos seus aspectos.

Ao ler a obra “Ação cultural para a liberdade e outros escritos” (1982), Paulo Freire atribui um sentido para tudo o que fazemos, inclusive, ao ato de escrever por meio do qual emitimos uma posição, uma leitura do mundo. A escrita não é uma ação mecânica de quem deseja narrar um fato; nela aparece um compromisso embutido, ou seja, as ideias expressas nos textos revelam o que conseguimos apreender sobre a realidade e os conhecimentos.

Ao agir assim, comprometemo-nos com o que escrevemos e “[...] não pode ser outra a nossa posição em face do tema que agora nos reúne – tal o da humanização dos homens e suas implicações educativas” (FREIRE, 1982, p. 43). Para Paulo Freire, o educador deve evitar a alienação e a ilusão que, facilmente, servem de instrumentos ideológicos para oprimir.

Assim, Freire defende uma educação libertadora, eivada de uma pedagogia da libertação, tendo consciência de que não é possível tratar da educação libertadora, sem uma pedagogia também libertadora, “[...] aquela que tem que ser forjada *com* ele (oprimido) e não *para* ele, enquanto homens e povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade” (FREIRE, 1982, p. 46). O oprimido deve fazer parte desse processo de educação para a transformação não podendo ser uma prática de domesticação do oprimido pelo opressor.

A tarefa da educação para a humanização e para a libertação leva o educando ao ato de conhecer, viabiliza um novo conhecimento como processo de apropriação do mundo e de compreensão autêntica dos fenômenos sociais. A pedagogia de Freire é socialmente uma visão realista da educação que implica em desvelar ao educando a sua capacidade de conhecer. Então, podemos inferir a educação ou a ação cultural para a libertação instrumentaliza o educando ao exercício de sua consciência intencionada, uma ação emanada de uma educação humanista, por isso Freire insiste que o educador seja também humanista, enfatizando “[...] daí a necessidade a que fizemos referência anteriormente, de o educador, que fez a opção humanista, perceber corretamente as relações consciência-mundo ou homem-mundo” (FREIRE, 1982, p. 45), ou seja, ter consciência do compromisso por uma opção humanista de educação, defendê-la contra as ideologias dominantes e ser crítico mediante processos de domesticação e alienação embutidas na educação para a dominação.

Portanto, educandos e educadores são partícipes do saber que emerge como uma ação consciente e intencional e não de uma mera transmissão de conhecimentos como se o educando fosse um recipiente a ser preenchido com as ideias do educador, ao contrário, nesta pedagogia há um propósito de desenvolver a percepção crítica do educando e convicções comprometidas com o conhecimento “[...] através do qual o homem se percebe como um ser reflexivo, ativo, criador e transformador do mundo” (FREIRE, 1982, p. 45), um pensar a educação considerando o sujeito como agente na construção de sua própria história e de transformação social.

Dessa forma, há caminhos efetivos para superar a visão tradicional e conservadora do processo educativo. Freire (1987a) propõe que tanto educador quanto educando sejam colocados na mesma condição de igualdade, ou seja, como sujeitos do processo educativo, que constroem o conhecimento num processo de transformação de si mesmos e da realidade próxima e distante, chegando a transformar a sociedade.

Freire também propõe a criação de uma prática pedagógica que potencialize essa superação, uma vez que os pressupostos de sua pedagogia divergem da educação conservadora que limita os educandos e restringem suas aprendizagens aos processos de adaptação ao sistema, fazendo com que entendam sua condição sócio-histórica como natural e não como construção humana ou como produto da realização do homem em seu estar no mundo. A adaptação ao sistema não trabalha conteúdos e estratégias de cunho mais questionador da ordem social, política, econômica e cultural na qual os estudantes estão inseridos (NOGUEIRA, 2020).

Em Pedagogia do Oprimido Freire (1987a) desmistifica o processo de adaptação presente no sistema educacional e revela que educadores e educandos são sujeitos do processo educativo, são sujeitos da história, capazes de conhecer a realidade, problematizá-la e intervir sobre ela e sobre o mundo, são capazes de produzir conhecimento. A “pedagogia do oprimido” se opõe de forma antagônica à “pedagogia opressora”, que aliena, acomoda, silencie as possibilidades humanas de criar face às estruturas sociais, culturais e econômicas opressoras. Nesse processo, “Freire vê grande perigo na educação tradicional assistencialista, porque exerce a violência do antidiálogo e impõe o mutismo e a passividade, que impedem o educando de desenvolver uma consciência crítica para integrar-se a uma sociedade em trânsito” (NOGUEIRA, 2020, n.p).

Diante da histórica problemática do analfabetismo no Brasil, Freire encontrou nas experiências de movimentos populares caminhos para que o processo de aquisição da escrita e da leitura superasse o mutismo e a passividades. A proposta do método de Paulo Freire demonstra a dinâmica de valorização e reconhecimento do universo cultural dos sujeitos e como pode contribuir com os processos de libertação, conquista da autonomia e problematização da realidade.

O processo de alfabetizar é complexo e Freire (1987b) nos mostrou como esse processo pode ser simplificado e ressignificado. Ao alfabetizar um grupo de pessoas, em 45 dias, a partir das experiências de vida dessas pessoas, Freire (1987b) registrou e analisou esse processo de forma sistêmica em livros e em relatos contribuindo com direcionamentos para futuros educadores e educadoras.

Logo, consideramos importante evidenciar sumariamente as fases da metodologia de alfabetização em Freire (1987b): 1ª fase: Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará; 2ª fase: Escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado; 3ª fase: Criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar; 4ª fase: Elaboração de fichas-roteiro que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho; e 5ª fase: Elaboração de fichas para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores.

Ao promover o processo de alfabetização ligada à realidade de vida, do trabalho e da cultura, produz sentidos e significados que extrapolam a dinâmica da escolarização, envolvendo a dinâmica sociocultural de compreensão do mundo e as possibilidades de outras leituras desse mundo. Trata-se de um processo que vai além do sentido restrito de método, porque envolve os sujeitos da aprendizagem numa dinâmica de debate, discussão que os encaminha ao engajamento político e sociocultural nos espaços circundantes. Sua atualidade é indiscutível, tem contribuído com a construção da autonomia de educandos e educadores a partir de uma postura diferenciada desses sujeitos da aprendizagem

EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE AUTONOMIA: ENSINAR É UMA ESPECIFICIDADE HUMANA

Na obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, Freire (2002) enxerga além de uma educação e de uma profissão da docência, a dedicação que os professores possam ter na relação do professor, aluno e sociedade, no sentido de tomar conhecimento da realidade e transformar em essência o ensino. Trazer coisas do seu cotidiano para a alfabetização poderia construir algo mais significativo para aquele educando específico. Nessa obra, o capítulo 1 - Não há docência sem discência. O autor relata o aproveitamento do conhecimento de experiências anteriores desse aluno e como o transforma em material de ensino que vai além da perspectiva de educação como transferência, como bancária, uma vez que o “caráter político, libertador, conscientizador é o diferencial da metodologia de Paulo Freire dos demais métodos de alfabetização” (BECK, 2016, p. 1).

Nessa busca de poder conhecer a cultura presente desse educando, deve-se pesquisar sobre as convivências, sobre aquela sociedade em que vive. Nesse sentido, Freire (1996) relata que é necessário fazer a pesquisa e abrir processos para constatar, intervir e educar o sujeito no seu processo de aprendizado diante da realidade. Assim como as discriminações que possam vir diante das realidades pesquisadas, as críticas, os direitos, se constituem processos

de descobertas e criações que, de acordo com Freire (1996), destacam as constantes reflexões críticas do educador entre o teórico e a prática, havendo necessidades de alterações que possam incluir nas pesquisas coletadas sobre as experiências e essências da realidade analisada.

Quando se reflete os processos de alfabetização, deve-se considerar que tipo de palavra exatamente usar, pois, não adianta escolher palavras simples, se para aquele aluno ela possa remeter a nada. Beck (2016) deu exemplos de alunos de locais rurais e como os materiais de trabalho que usavam nas colheitas, nos campos e em suas próprias vidas podiam ter mudanças gratificantes. Ouvia a palavra e de resposta imediata de sua autonomia, remetia ao objeto.

Diante das pesquisas de reconhecimento das realidades educacionais e em busca de práticas educativas que possam promover melhorias e construções significativas na alfabetização freireana, no capítulo 2 – Ensinar não é a transmitir conhecimento, Freire (1996), mostra-nos a importância dessa seleção de palavras e o papel do professor ao assumir uma postura de estimular a alfabetização por meio do cotidiano dos educandos.

Dessa feita, Freire (1996) descreve que não adianta ensinar a gramática para o sujeito sem trazer contribuições para a autonomia, a produção, a criação, ao mesmo passo em que devem ser resgatados os elementos essenciais presentes na vida do educando para o ensino. Outra discussão demonstra as próprias lutas de valorização do trabalho do professor e os obstáculos que são enfrentados por ele, bem como o reconhecimento da complexidade em explorar a outras formas, outros métodos, outras dimensões que possam melhorar o ensino.

Para Freire (1996), ensinar é uma especificidade humana, em que a autonomia de ensino deve prevalecer no exercício da docência. Ele destaca que é necessário refletir, aperfeiçoar e modificar os caminhos para possibilitar tentativas oportunas de construção dessa autonomia, tendo consciência dos desafios a serem enfrentados nessa prática de ensino.

Destarte, a autonomia e a reflexão crítica do sujeito transformador que está no processo de formação só acontecerão se este estiver aberto para o diálogo, para promover estratégias de troca de pensamentos e interativos diálogos na relação social entre educando e educador. Para que as situações de aprendizagem não ocorram como um faz-de-conta na sala de aula, mas que seja um espaço de participação efetiva dos educandos e educadores.

Nesses processos educacionais, Beck (2016) explica que na teoria freireana existem 3 etapas: a) investigação, busca da realidade do educando para trazer os elementos da vivência para a escola; b) tematização, analisa o que foi coletado para compreender a simbologia daquela cultura social e; c) problematização, que segundo o autor refere-se a busca entre educando e educador de uma visão crítica do construído por meio da pesquisa feita sobre a realidade.

No método freiriano, segundo Moacir Gadotti, aprendiz de Freire e diretor do Instituto Paulo Freire, se decorria de um **'processo de substituição de elementos reais por elementos simbólicos, com a utilização de cartazes, projeções na parede, discussões e leitura, sequência inversa à utilizada para crianças, em que a leitura figura como elemento instrumental de construção e enriquecimento dos círculos de representação mentais'** (BECK, 2016, p. 1, grifo do autor).

As indicações metodológicas na perspectiva freiriana podem auxiliar no processo de alfabetização por meio das experiências de educandos e de educadores que buscam construir os sentidos da educação com a realidade da sociedade e com as mudanças educacionais, assim como podem estimular a curiosidade e experimentar caminhos novos para que esse sujeito critique e se expresse diante dos desafios encontrados na atualidade.

Nesse sentido, ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. Contudo, o ato de ensinar remete à especificidade humana e deve ser realizado no âmbito da

relação interpessoal dialógica. É um ato praticado no interior dos espaços educativos, sejam os escolares e os demais espaços socioculturais, envolvendo os sujeitos como protagonistas, seres atuantes que visam sempre algo melhor para sua vida.

ENSINAR, APRENDER: LEITURA DO MUNDO, LEITURA DA PALAVRA

Ensinar um ato intermitente, de desconstruções e reconstruções do seu ser e do outro. Podemos dizer que esse movimento está sempre modificando os sujeitos, pois, ao mesmo tempo em que estão ensinando, são ensinados. Ser ensinante significa dizer que você aprendeu um conteúdo, internalizou e, posteriormente, possibilitou a outro o processo de compartilhamento do conhecimento. Mas, para ser ensinante, não basta apenas aprender por si só um assunto, precisa que aquele que se encontra no papel de mediador e construtor do conhecimento tenha além da capacidade de domínio do conhecimento, uma formação acadêmica. Isso, em se tratando de uma educação escolarizada.

Estar no papel de educador, como mencionado, não significa dizer que é o dono do conhecimento ou tem mais conhecimento que o educando e este não tem nada a contribuir, mas significa um processo de reconstrução e de diálogo que exige de quem ensina determinadas responsabilidades:

O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes (FREIRE, 2001a, p. 259-260).

O processo de formação acadêmica possibilita ao educador processo de buscas de conhecimentos e de sensibilidade diante das trocas, dentro do campo das relações entre os sujeitos. Esse caráter sensível, de reconstrução, dará ao ensinante um papel mais significativa na vida do seu ensinado.

[...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2002, p. 13).

Para ensinar é preciso aprender, permanentemente e, estar aberto às abordagens e trocas de conhecimento e experiências; enfrentar os desafios, aprender com os erros, acertos e dúvidas gerados no processo da formação. Paulo Freire foi e permanece como um grande educador, exemplo de vida e idealizador de metodologias de alfabetização articuladas à realidade sócio-histórica dos sujeitos, uma vez que mesmo antes do processo de decodificação, o educando já percebe ao seu redor os códigos de linguagens, seja nas embalagens de um produto, em um outdoor, na marca de um produto, entre outras coisas.

Existe uma linguagem de mundo que ocorre antes mesmo dele, de fato, conhecer e significar os códigos. O educando aprende sobre as coisas que estão em sua realidade e no outro momento aprende como o que faz parte da sua vida pode ser codificado, utilizando-se da linguagem gráfica e da escrita. Embora, cedo ele mantém contato com as várias modalidades de linguagem, principalmente, na atualidade, com as novas tecnologias. O tempo todo o educando está se deparando com as múltiplas linguagens.

Partindo desse pressuposto, Freire (1997) defende que o processo metodológico mais eficaz se apresenta a partir da realidade sociocultural do educando. Dito de outra forma: deve-se observar palavras geradoras que se encontram dentro do cotidiano dos educandos, com as quais estão mais familiarizados, no sentido de entender o significado daquelas palavras e, com isso, suscitar uma discussão, um “debate caloroso”, em que educandos e educador vão se envolvendo, ao ponto de relacionar as palavras com seus significados na vida de cada um e do espaço em que vivem. O educador Freire, posiciona-se:

Assim, ao nível de uma posição crítica, a que não dicotomiza o saber do senso comum do outro saber, mais sistemático, de maior exatidão, mas busca uma síntese dos contrários, o ato de estudar implica sempre o de ler mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita (FREIRE, 1997, p. 20).

O processo de alfabetizar torna-se mais difícil quando as palavras não fazem parte da vida do educando, para ele, é mais complexo significar a palavra que não está dentro do seu contexto social, daquela que faz parte da sua realidade, que ao falar, facilmente, consegue imaginar e atribuir sentidos.

Um dos equívocos que cometemos está em dicotomizar ler de escrever e, desde o começo mesmo da experiência em que as crianças ensaiam seus primeiros passos na prática da leitura e da escrita tomarmos esses processos como algo desligado do processo geral de conhecer (FREIRE, 1997, p. 25).

O processo de alfabetizar jamais deve ser tratado de forma segmentada. A palavra deve estar alinhada ao seu sentido. As metodologias tradicionais, que tratam as palavras como fragmentos sem significá-las, retiram todo o sentido e a tornam um processo de memorização mecanizada. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002, p. 25). Desse modo, alfabetizar irá abrir um emaranhado de possibilidades para o educando: ler, compreender, produzir e ser crítico.

Durante o processo de alfabetização, o educando, deve ser incentivado a ter o gosto pela leitura. Sabemos que a leitura auxilia no processo de aperfeiçoamento da escrita, conseqüentemente, da linguagem e do saber. O educando deve ser ensinado a não somente a ler os textos, mas a estar preparado para interpretá-lo e diante das dificuldades ter autonomia para utilizar materiais de apoio, anotações ou ajuda de alguém que possa explicar acerca de um termo. Esse processo de compreender é doloroso, mas é necessário para o melhoramento da compreensão e do pensar. Freire (2001b, p.265) diz:

Assim como um pedreiro não pode prescindir de um conjunto de instrumentos de trabalho, sem os quais não levanta as paredes da casa que está sendo construída, assim também o leitor estudioso precisa de instrumentos fundamentais, sem os quais não pode ler ou escrever com eficácia. Dicionários (2), entre eles o etimológico, o de regimes de verbos, o de regimes de substantivos e adjetivos, o filosófico, o de sinônimos e de antônimos, enciclopédias. A leitura comparativa de texto, de outro autor que trate o mesmo tema cuja linguagem seja mais complexa.

Importante se faz observar que o leitor jamais deve desistir de um texto devido os desafios encontrados, durante a leitura, e, em meio a uma terminologia ou outra. Deve buscar fontes, criar rabiscos e tentar relacionar o termo com o próprio texto, assim, construir entendimento ao que está almejando ler. Este movimento é essencial para uma leitura crítica, seja de um texto escrito, seja de um texto em forma de paisagem, seja de situações práticas da vida cotidiana.

Portanto, ser educador requer domínio daquilo que se propusera a ensinar, bem como de uma postura de firmeza e de uma “curiosidade epistemológica”, que requer a sensibilidade de que jamais será detentor de todo o conhecimento. Somos seres inacabados, mesmo sendo ensinantes somos ensinados. Como educadores, precisamos entender que a alfabetização deve ser significativa, e, como educandos, temos de ser curiosos, dedicados e ter autonomia. Compreender o mundo a partir de realidade é o que torna a formação um processo mais simbólico, não apenas a formação escolar, mas também a educação dos movimentos populares e das organizações sociais que também criam pedagogias de resistências diante da realidade de opressão do povo.

AS APRENDIZAGENS GERADAS PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS: DIÁLOGOS E LEITURAS DO MUNDO

A contribuição da teoria de Paulo Freire na área da educação não se restringe à sala de aula, muito embora o sentido de sala de aula, também não se limite à escola, a vida nas comunidades rurais, nas diferentes sociedades e grupos humanos também são salas de aula (queremos dizer: círculos de cultura). Essa teoria encontra-se conectada às experiências de diferentes movimentos sociais populares, cujas bases de leitura da realidade são a educação popular e a educação inclusiva, que nasce da realidade de vida do povo e tem gerado aprendizagens no campo do direito, das estratégias de organização e lutas, de resistências e de mobilizações sociais.

Os movimentos sociais populares como os movimentos em prol da alfabetização, movimentos de trabalhadores rurais, movimentos indígenas, movimentos quilombolas, movimentos ambientais, dentre outros, representam histórias de resistência no Brasil contribuindo com a conquista da democracia e de políticas públicas para a superação das desigualdades sociais, econômicas e culturais. Nesse processo, têm gerado aprendizados, que podem ser destacados como “o aprendizado da liberdade, o aprendizado da perseverança, o aprendizado da autonomia e dos direitos e o aprendizado da diversidade” (SILVA, 2006, p. 65).

Dentre as experiências geradas por esses movimentos, destacamos o movimento social e ambiental no município de Parintins, no Estado do Amazonas, que desde sua origem tem como princípio o diálogo coletivo, participativo e comprometido com a vida dos sujeitos que existem nos territórios das várzeas e terra firme. Nesse processo, destacamos o Grupo Ambiental Natureza Viva (GRANAV), um dos movimentos no Amazonas que desde 1992, ano de sua criação, luta por vida digna juntamente com lideranças das comunidades desses territórios.

Os fundamentos filosóficos desse movimento encontram-se enraizados na educação popular pelas experiências de luta, resistência e existência nos seus territórios de origem, processo que movimentou as comunidades de várzea do Paraná de Parintins para a defesa, conservação e preservação de lagos no município, inspirando a ampliação dessa luta por políticas públicas na área da educação, da saúde, do meio ambiente e da agroecologia.

Dentre as lutas do GRANAV destacamos a criação da Casa do Saber Popular, que foi importante para o processo de alfabetização e para o ensino fundamental dos comunitários daquela época, por meio da Educação de Jovens e Adultos, principalmente, para a formação das lideranças, uma vez que muitas não tinham a oportunidade de experimentar o processo de escolarização em sua própria comunidade, e, assim, aprimorar as lutas. Dessa forma:

A ‘Casa do Saber Popular’ foi um espaço em que ocorreram cursos, oficinas, formação de liderança e reuniões. Também foi onde funcionou o Ensino Fundamental, por meio de Telecurso, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). [...]

Essa casa foi o espaço onde muitos(as) ribeirinhos(as) estudaram e depois puderam dar prosseguimento aos estudos na cidade ou no Assentamento Vila Amazônia (ALBARADO; VASCONCELOS, 2019, p. 67).

Com base em relatos sobre essa experiência, observamos o sentido freireano presente na formação dos educandos e, pelo fato de esse movimento social ter vivido a educação popular na prática social, nas experiências e leituras de mundo que a vida em comunidade, em luta e em resistência lhes proporcionou. Albarado e Vasconcelos (2019, p. 67) registraram que jovens ribeirinhos retornaram para a comunidade depois de formados e puderam contribuir com as atividades de organização social e houve o fortalecimento das lideranças, conforme relato abaixo:

A preparação das lideranças que hoje estão contribuindo com a comunidade foi um passo importante, [...] era uma preocupação nossa, a formação, a capacitação e a educação [...]. Na época não existia o Ensino Fundamental completo, através da EJA. Reivindicamos para a SEMED, conseguimos [...] o Ensino Médio aqui para a região do lagunho, pra Valéria, no Paraná de Parintins [...] foi interessante, porque nós colocamos à disposição uma estrutura que a gente tinha, que era a Casa do Saber Popular. Uma estrutura flutuante com sala de aula, com todos os equipamentos. Colocamos à disposição da SEMED pra que funcionasse a escola ali de Ensino Fundamental, e um outro resultado importante nesse processo de educação foi a formação em nível superior de alguns membros do grupo. A estratégia era que a gente pudesse ter a formação superior e pudesse depois voltar pra cá, pra base do grupo e poder contribuir com sua organização [...]. Isso como estratégias de fortalecimento da organização e a gente percebe que isso tem dado resultado (ENTREVISTADO 2, 2015).

Além dessa luta, é importante destacar o envolvimento do GRANAV nas lutas por Educação do Campo no município de Parintins, junto a outros sujeitos coletivos como o Fórum Parintinense de Educação do Campo das Florestas e das Águas Paulo Freire (FOPINECAF) que tem se mobilizado por uma educação das águas, das terras e das florestas em diálogo com a vida do povo que habita esses territórios, defendendo as relações de pertencimento, as identidades e as culturas ribeirinhas, como forma de se contrapor aos processos de negação e de alienação que o sistema capitalista tem provocado no campo. Essa leitura de mundo é relatada por uma liderança ribeirinha ao afirmar que:

A educação atual é fragilizada, pois claramente se vê a alienação que ela promove, trazendo problemas, políticos, sociais, religiosos e comunitários. Vê-se claramente que a juventude, que aparentemente buscou conhecimento na escola, estudou e deveria trazer soluções para a comunidade, não responde às expectativas da comunidade. A impressão que se tem é que a educação do campo que se dissemina, atualmente, não está servindo para nada no que diz respeito aos anseios da comunidade. Portanto, precisa-se de uma transformação sobre a educação do campo (informação Verbal¹).

As práticas com a educação popular dos movimentos sociais geram aprendizagens de lutas por direitos, como direito à vida e a viver nos territórios de origem; aprendizagem de uma educação que dialoga com a realidade do povo e as estratégias de mobilização e organização cridas para sair das condições de alienação e submissão; aprendizagem dos processos democráticos importantes para as tomadas de decisões; aprendizagem da liberdade de participar e construir, coletivamente, caminhos de uma educação libertadora que se faz na prática e na reflexão; transforma vidas e sociedades; aprendizagem do diálogo e da leitura de mundo que extrapola o sistema capitalista alienador, e, contribui para lançar olhares outros sobre o mundo, sobre o conhecimento e sobre os sentidos do aprender.

¹ Fala do comunitário Fernando Carvalho na mesa Diálogos com os movimentos sociais e instituições públicas por uma Educação do Campo em Parintins. In: **V Semana de Pedagogia do ICSEZ/UFAM**, Parintins-AM, em outubro de 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva freireana, encontramos uma causa nobre que abrigou os princípios de uma educação libertadora e emancipatória dos sujeitos como cognoscentes da práxis pedagógica que transcende o muro da escola, pois para Paulo Freire a educação libertadora era aquela que se conjugava com a realidade do educando, ele postulava uma educação para a vida. A obra de Paulo Freire nos ensina que o sujeito, por ser histórico precisa transformar as condições precárias enfrentadas no dia a dia em melhores condições de vida, mas, para que seja de fato materializado esse processo, o homem e a mulher necessitam da educação a partir da leitura crítica do mundo e perceber como os processos de luta se dão nas relações de força, ou seja, nas relações sociais.

A teoria de Paulo Freire representa uma revolucionária e recorrente organização do conhecimento, que tem como base uma pedagogia crítica para libertar o oprimido das mãos do opressor. Um dos caminhos experimentados nesse processo deve-se às lutas dos movimentos sociais populares e aos modos de se organizar, mobilizar e promover a formação dos seus membros na dinâmica da educação popular e das leituras de mundo, as quais contribuíram historicamente com outras pedagogias e outros sentidos do conhecimento nas lutas contra a opressão.

A Pedagogia de Freire, como vimos, neste artigo, é uma teoria que se traduz numa prática educativa que conduz os sujeitos da aprendizagem a uma prática social engajada na perspectiva de transformar as realidades desumanas em condições humanas de vida, culminando com a transformação da sociedade. Isso se dá nos Movimentos Sociais, nos movimentos organizativos, nas ações individuais e coletivas dos educandos e educadores, como partícipes críticos e conscientes de seu compromisso com um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

- ALBARADO, Edilson da Costa; VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira. Navegando nas práticas organizativas, educacionais e socioambientais do povo ribeirinho Amazonida. **Revista de Educação Popular**, v. 18, n. 2, p. 59-80, 15 out. 2019. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.14393/REP-v18n22019-46967>
- BECK, Caio. **Método Paulo Freire de alfabetização**. Andragogia Brasil. 2016. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed: São Paulo- SP, Editora Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo- SP, Editora Olho D'água, 1997.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores: Ensinar, aprender. Leitura do mundo, leitura da palavra. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, maio/ago., 2001a.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2001b.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**: Introdução ao Estudo da Escola no processo de transformação Social. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NOGUEIRA, Jocélia Barbosa. **O pensamento de Paulo Freire**. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, junho 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/06/pensamiento-paulo-freire.html>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e Pesquisa**: questões para reflexão. Brasília: MDA, 2006.

SOBRE O AUTOR

Jocélia Barbosa Nogueira: Possui graduação em Pedagogia (UFAM) Especialização em Supervisão Escolar (UFAM). Mestrado em Educação (PPGE-UFAM). Doutorado em Educação (PPGE-UFAM). Atualmente é professora efetiva do Departamento de Administração e Planejamento, lotada na Unidade Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Professora Colaboradora no Prof. Filo Programa de Mestrado Profissional de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas e Pesquisadora do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas Educacionais (NEPE). Membro do grupo de Pesquisa Observatório do Direito Socioambiental e Direitos Humanos na Amazônia no Curso de Direito da Universidade Federal do Amazonas. jocelia.bnogueira@hotmail.com

Edilson da Costa Albarado: Doutorando em Educação no PPGED/UFPA (Bolsista CAPES). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM (Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia). Especialista em Educação Ambiental Urbana pela ESAB. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo na Amazônia (GEPERUAZ/UFPA) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação no Ambiente Amazônico (GEPEAM/UFAM). edilsonalbarado@gmail.com

Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Professora efetiva no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ). Tem experiência na área de Educação com atuação principalmente nos seguintes temas: Educação do Campo, História da Educação, Prática Pedagógica. É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo (GEPERUAZ/UFPA). Pesquisadora FAPEAM. meov06@yahoo.com.br

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

NOGUEIRA, Jocélia Barbosa; ALBARADO, Edison da Costa; VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira. Metodologia na perspectiva freiriana: uma educação emancipatória para uma ação libertária no bojo dos movimentos sociais. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, Edição temática – Paulo Freire, p. 279-293, 2020. E-ISSN: 2675-3294. E-ISSN: 2675-3294.

Submetido em: 15/08//2020

Revisões requeridas em: 09/10/2020

Aprovado em: 29/10/2020